

Nosso desacreditado sistema de ensino

O Ministério da Educação acaba de divulgar que o sistema educacional no Estado de São Paulo está longe de atrair e manter suas crianças nas escolas oficiais. Até aí, nenhuma novidade para professores e educadores paulistas que consideram a situação da educação no Estado "caótica" e nas mãos de um governo "que não tem vontade política de modificar a escola pública". E os professores da Apeoesp (Associação dos Professores do Estado), por exemplo, até indicam o culpado: o governador Orestes Quércia, "que pensou em usar a jornada única como um trunfo para galgar as escadarias do poder, foi à televisão, criou expectativa na população e nada aconteceu, porque as escolas, na prática, não estavam preparadas".

Sônia Sampaio, diretora de imprensa da entidade e professora da rede há 11 anos, acha que a única coisa que o governo conseguiu foi colocar "a nu" a realidade da escola pública do Estado. Isso para a Apeoesp foi até bom, ela admite, "porque estamos falando a mesma coisa há anos e não somos ouvidos".

De acordo com as estatísticas divulgadas pelo Ministério da Educação, São Paulo tem hoje 5.296.250 alunos de 1º grau matriculados. Em 86, eram 5.143.485. Ainda temos, no maior Estado da Nação, um mi-

lhão de crianças fora da escola, "por problema de espaço, enquanto algumas escolas ficam com salas ociosas, demonstrando outra vez a falta de planejamento nas construções escolares que servem como apelo para as campanhas eleitorais", afirma Sônia.

Evasão, repetência. Sem falar em notas baixas e, mais diretamente, em crianças que vêem na escola um suplicio diário, tamanha é a falta de um projeto realmente pedagógico. Sônia conta que nas diversas reuniões nas escolas da rede, com pais e professores, são incontáveis os alunos desmotivados e querendo sair da escola "porque estão cansados" das aulas "chatas" desde que foi implantada a jornada única. "Eles estão cansados porque um projeto que teoricamente é bom foi jogado e simplesmente se ampliou o tempo de permanência do aluno na escola, mas não se modificou a metodologia do ensino", confirma.

Grande tragédia

"A nossa grande tragédia é que colocamos nossas crianças na escola e não conseguimos fazer com que essa escola seja uma experiência significativa para essas crianças", advertiu Guiomar Namó de Mello, ex-secretária municipal e deputada estadual

pelo recente PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). Guiomar não acredita que essa seja uma falha exclusiva do governo Quércia, mas admitiu que "infelizmente" o PMDB tentou "mas não conseguiu reverter a situação que já dura há mais de 20 anos".

Os professores concordam com isso mas argumentam que, pelo menos, durante o governo Montoro eles não perderam. "Deixamos de ganhar mas não perdemos, enquanto agora, para recompor o poder de compra do professorado aos níveis de janeiro de 87, o governador precisaria autorizar um reajuste de 137%", analisam, com os estudos feitos pelo próprio governo, afirmando que o salário do professor três (que dá aulas para colegial), com 20 aulas semanais, de Cz\$ 43 mil, equivale a CZ\$ 27 mil apenas com as perdas que eles tiveram. E Quércia já avisou, durante reunião realizada com o Grupo dos 19 do funcionalismo, na semana passada, que ele só pode dar 58%.

O secretário da Educação, Chopin Tavares de Lima, não pôde ontem falar à reportagem, "porque está com a agenda lotada", mas os professores e educadores continuam perguntando: "Até quando vamos suportar esta situação?"

Rita de Biagio